Maria Bárbara Levy
1943 - 1992

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA ECONÔMICA

Diretoria (2015–2017)

Presidente
Alexandre Macchione Saes

Vice-Presidente
Luiz Fernando Saraiva

1º Secretário
Guilherme Grandi

2º Secretário
Rita de Cássia da Silva Almico

1º Tesoureiro
Cláudia Alessandre Tessari

2º Tesoureiro
Walter Luiz Carneiro de Mattos Pereira

Conselho de Representantes

Região Norte
Siméia de Nazeré Lopes

Região Nordeste
João Rodrigues Neto
Luiz Eduardo Simões de Souza

Região Centro-Oeste
Hamilton Afonso de Oliveira Teresa Cristina de Novaes Marques
Paulo Roberto Cimó de Queiroz (suplente)

Região Sudeste
Rogério Naques Faleiros
Carlos Eduardo Suprinyak
Michel Deliberali Marson (suplente)

Região São Paulo
Felipe Pereira Loureiro
Fábio Alexandre dos Santos
Fábio Antonio Campos (suplente)

Região Sul
Alcides Goularti Filho
Pedro Antônio Vieira
Maria Heloiza Lenz (suplente)

Revista de História Econômica & História de Empresas

Bruno Aidar (editor)
Alcides Goularti Filho
Ivanil Nunes

Ex-presidentes da ABPHE

Tamas Szmrecsanyi (1995-1997) †
Luiz Carlos Soares (1997-1999)
Carlos Roberto Antunes dos Santos (1999-2001) †
Wilson Suzigan (2001-2003)
João Antonio de Paula (2003-2005)
Carlos Gabriel Guimarães (2005-2007)
Josué Modesto dos Passos Subrinho (2007-2009)
Pedro Paulo Zaluth Bastos (2009-2011)
Armando João Dalla Costa (2011-2013)
Ângelo Alves Carrara (2013-2015)

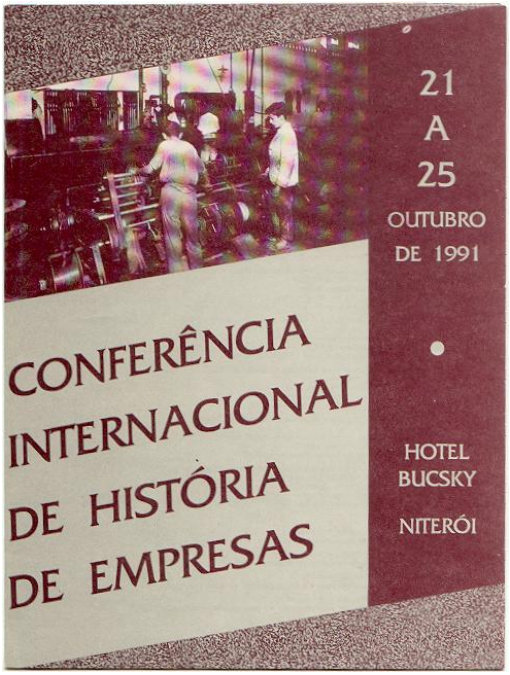
E-mail: abphe1@gmail.com

Apresentação

Quando da realização do I Congresso Brasileiro de História Econômica em 1993 – ocorrido na USP e que resultou na criação da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica –, a professora Maria Bárbara Levy já não estava mais entre nós. No entanto, ela teve contribuição fundamental para a criação da ABPHE, com uma vida inteira dedicada as pesquisas em História Econômica e ainda pela organização em 1991 da 1ª Conferência Internacional de História de Empresas, realizada em Niterói e que se tornou fundamental na própria origem da nossa Associação.

A Comissão Organizadora do XII Congresso Brasileiro de História Econômica e 13ª Conferência Internacional de História de Empresas, herdeira dos ensinamentos e exemplo de vida de Maria Bárbara Levy, vem prestar uma homenagem muito mais que justa e merecida àquela que nunca esteve ausente entre nós.

Niterói, 28 de agosto de 2017

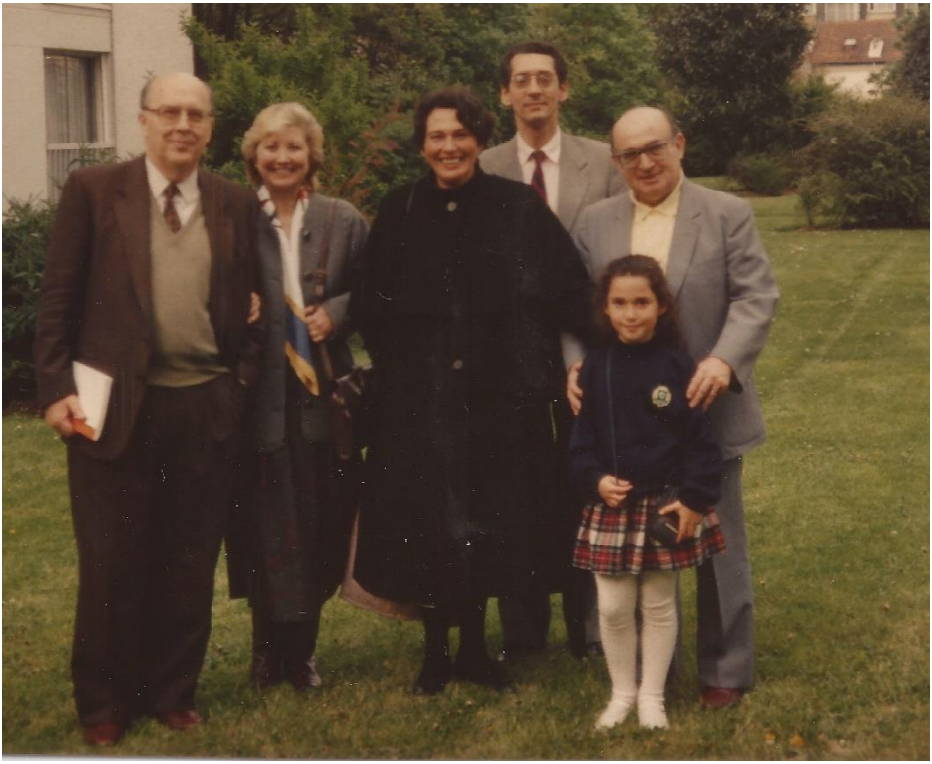


As fotos de Maria Bárbara Levy são do acervo pessoal de Heitor Moura, a quem agradecemos a sua cessão.

Maria Bárbara Levy, em 1991, em Secretário, RJ.

Maria Bárbara Levy e Maria Yedda Linhares em 1982, numa viagem de Viena a Budapeste pelo Danúbio.

Pagina seguinte: Centro de Pesquisa da Fundação Rockefeller em Bellagio, Itália (1985 ou 1986), Maria Bárbara Levy é a 2ª da esquerda.



O historiador catalão Jordi Nadal, sua esposa, Maria Bárbara Levy, Heitor Moura e sua filha Eleonora, Albert Broder. Paris 1989, na casa de Broder.

Visita de Rondo Cameron ao Rio 1990. Da esquerda para a direita: Elisabeth Lucy von der Weid, Almir Pita, Daniela Buono Calainho, Elisa Müller, Maria Barbara Levy, Rondo Cameron e Margaret Hanson Costa.

Maria Bárbara Levy: Mosaicos da memória de uma trajetória acadêmico-afetiva

Almir Pita Freitas Filho
Instituto de Economia da UFRJ

Primeiramente quero agradecer ao estimado colega, prof. Luiz Fernando Saraiva, da organização do Congresso, pelo convite para participar dessa homenagem à Maria Bárbara Levy.

Homenagem mais do que justa, uma vez que Maria Bárbara foi, sem dúvida, uma das historiadoras mais dedicadas ao estudo e pesquisa de temas fortemente identificados com a História Econômica, ou, como escrevemos anteriormente, "uma historiadora econômica nata".

Titular na área de História e Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da UFRJ, e professora adjunta do Departamento de História da UFF e do IFCS/UFRJ, podemos ainda atribuir à historiadora o empenho na difusão e consolidação dos estudos em história de empresas, no Rio de Janeiro e no Brasil. Fato esse bem representado por ocasião da realização da Conferência Internacional de História de Empresas, em outubro de 1991.

Um empreendimento hercúleo, que reuniu dezenas de pesquisadores, nacionais e internacionais, "especialistas em história econômica e, em particular de empresas, que vieram para aqui no Rio apresentar sua produção e pesquisa, sobretudo pelo inusitado da ideia (...)".

Sua obstinação na realização daquele evento, mesmo diante de inúmeros obstáculos, inclusive de uma doença fatal, contagiou e mobilizou a todos que, direta ou indiretamente a ela ligados, se empenharam em levar a cabo uma tarefa que lhes parecia, naquela ocasião, irrealizável.

Coube a mim, portanto, um de seus primeiros orientandos junto à pós-graduação de História da UFF, a honrosa responsabilidade de resgatar para vocês, em especial para as novas gerações de historiadores da economia, alguns momentos da trajetória intelectual dessa brilhante e saudosa pesquisadora, colega de departamento, orientadora e amiga, cuja lembrança nos é tão presente até os dias atuais.

Denominei esses escritos de fragmentos, mosaicos, da memória sobre uma historiadora econômica que me foi muito próxima e importante, ao longo de minha vida acadêmica, e que agora homenageamos.

Procuro apresentar recordações, fatos e experiências vivenciados ao longo dos anos de contato e vivência com Maria Bárbara, que considero indicadores significativos de sua trajetória enquanto historiadora econômica e pioneira em alguns campos da pesquisa histórica, em especial das empresas e empresarial. Trata-se da tentativa de apresentar alguns acontecimentos, fatos que ocorreram, mas são narrados a partir de nossa perspectiva pessoal; são, portanto, fragmentos de lembranças, uma mistura de memória e história, talvez, muito mais testemunho do que história.

A primeira lembrança que trago de nossa homenageada nos remete aos anos de graduação na UFF, ainda na década de 1970, no antigo casarão da rua Lara Villela. Era final do primeiro semestre de 1974, aula de Introdução ao Estudo da História, ministrada pela saudosa professora Maria Amélia, com sua rígida postura professoral. No entanto, assim como nossos demais professores, era uma postura que encobria uma perfeita compreensão da situação de alunos recém ingressos na universidade, com dificuldades extremas em acompanhar suas aulas eruditas e ter acesso à sua bibliografia internacional, em uma época onde às obras de autores alemães e franceses, parte de sua lista de leituras, ou eram inacessíveis ou obtidas com muitas dificuldades.

Vivíamos uma conjuntura política e social bastante conturbada, marcada pela mudança no comando do governo militar, que passava às mãos do general Ernesto Geisel (1974-79), com promessas de implantar uma abertura política, lenta e gradual, e um programa de planejamento, o II PND, que mantivesse as elevadas taxas de crescimento da economia que marcaram os anos do "milagre econômico (1968-73).

A professora Amélia nos levou para assistir, com a tarefa de apresentarmos um relato, à palestra de Maria Bárbara Levy sobre historiografia econômica brasileira. Lembro-me muito bem do impacto que nos causou, não só o tema em si, mas a forma como nos foi apresentado, clara, descontraída, envolvente, somada à beleza e charme da expositora. Ao final da atividade, perguntei a uma colega o que havia achado. Sua resposta era um misto de admiração e entusiasmo, que traduzia o conteúdo enriquecedor da palestra, para alunos do segundo período do Curso de História, veiculado de forma didática, emoldurada pela beleza e inteligência da apresentadora, tão jovem, mais já apresentando uma invejável bagagem de pesquisadora. E voltamos, em nossa caminhada noturna até as barcas, comentando animadamente sobre o que acabávamos de assistir. Lembro-me de que, Celso Furtado e Formação Econômica do Brasil foram os temas, abordados de forma mais detida por Maria Bárbara, cuja apresentação ainda nos colocou à par da periodização sobre a historiografia econômica brasileira de autores como Francisco Iglesias e Carlos Guilherme Mota.

Esse testemunho fragmentado me conduz a um segundo momento na trajetória intelectual de Maria Bárbara que pude presenciar. Refiro-me, desta feita, ao X Simpósio Internacional da ANPUH de 1979, e realizado no ICHF da UFF (http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/ANPUH.S10.pdf) . Na ocasião o Instituto havia sido transferido para um moderno prédio, mais próximo à estação das barcas, no Campus do Valonguinho da UFF, e perto da antiga Mesbla e do Hotel Imperial, espaço último este que demolido, viria a ser, alguns anos depois, um dos templos do consumo pós-moderno, o Plaza Shopping.

Lembro-me de ter sido um momento de grande efervescência cultural em nossa instituição. O evento foi marcado pela presença de historiadores do todo o Brasil, encabeçados pela Profa. Dra. Alice Canabrava, Secretária Geral da ANPUH e organizadora do evento, e pelo fato de nossos professores, já mestres do curso de pós-graduação em História da UFF, ou com seus doutorados em andamento, apresentarem suas pesquisas.

As observações acima são também compartilhadas pelo professo Francisco Falcon, em seu artigo sobre a origem e desenvolvimento do programa de pós-graduação da UFF, cujas palavras são transcritas a seguir:

> Já não habitávamos mais o prédio da reitoria, pois tínhamos sido transferidos para a rua Lara Villela, nas antigas dependências do Colégio Bittencourt Silva. Ali ficaríamos até 1979, quando o ICHF se transferiu para um prédio novo, recém-inaugurado, no campus do Valonguinho. Nesse ano, aliás, o departamento de história patrocinou o Simpósio Nacional da ANPUH, um evento dos mais concorridos e de importância capital para os rumos da entidade, tendo-se em vista as discussões e resoluções que foram tomadas durante sua Assembleia Geral. (Falcon, 2013, p.25)

A participação de Maria Bárbara foi marcada pela apresentação e lançamento de seu mais recente trabalho de pesquisa, *História Financeira do Brasil Colonial*. Tratava-se de uma obra embrionária à época de sua publicação, mas destinada a abrir um dos mais promissores campos de pesquisa em história econômica. Nela a autora procurava identificar a origem dos capitais e das formas de financiamento dos grandes empreendimentos econômicos ao longo da história colonial brasileira, reunindo informações que se encontravam dispersas em múltiplos documentos. Segundo suas próprias palavras:

> A tarefa de alinhavar essas informações esparsas numa história financeira talvez seja a primeira oportunidade de reconstruir o circuito de mercadorias, da moeda e do crédito numa interpretação do período colonial. (Levy, 1979, p. 25)

Assistimos à sessão motivados, em particular, pelo fato de uma colega de graduação, Mercedes Gouvêa, que já trabalhava como auxiliar de pesquisa de Maria Bárbara, apresentaria juntamente com a autora, a comunicação referente à obra recém publicada.

Esse registro é importante, pois ele resgata uma das particularidades da personalidade profissional de nossa homenageada. Ao longo de sua trajetória, Bárbara sempre procurou se cercar de "pesquisadores iniciantes", "jovens professores", valorizando seus esforços, atentando para suas opiniões e impulsionando suas carreiras, até o instante em que podiam alçar vôos próprios. Todos aqueles que, por algum momento em suas vidas de pesquisadores, tiveram a oportunidade de trabalhar com Maria Bárbara, podem confirmar essas palavras. Em sua última publicação, por exemplo, nossa homenageada reconhecia sua dívida para com esses jovens colegas da FEA/UFRJ, na renovação da discussão de muitos aspectos da economia brasileira.

No entanto, parece que essa capacidade de agregar diferentes profissionais, se estendia também àqueles já reconhecidos, de renome. É o que nos permite concluir do testemunho de Eulália Lobo, outra grande historiadora econômica e amiga de Maria Bárbara, que nos deixou em 2011, que transcrevemos a seguir:

> Foi graças à atuação de Maria Bárbara que, num momento em que os professores demitidos pelo AI-5 encontravam-se totalmente marginalizados, eu obtive financiamento do IBMEC para desenvolver uma ampla pesquisa sobre o Rio de Janeiro, daí resultando a obra, também publicada por iniciativa do Instituto, intitulada *História do Rio de Janeiro, do capital comercial ao capital industrial e financeiro*. (Lobo, 1999, p.74-5)

Essa foi uma das facetas da personalidade de Maria Bárbara que pude testemunhar, pouco tempo após àquele marcante encontro de historiadores.

A década de 1970 pode ser vista como aquela onde Maria Bárbara adquiriu uma sólida formação de historiadora econômica, realizando pesquisa histórica em um ambiente marcadamente privado, mas também ligada às instituições públicas.

Já os anos de 1980 foram um pouco distintos. Neles podemos considerar que foram os da consolidação da trajetória de Maria Bárbara como historiadora profissional, da

economia e das empresas. Foi uma década de grandes realizações nesses campos do conhecimento histórico, demonstrando sua vitalidade e versatilidade no ofício da pesquisa e no ensino da história, tendo deixando expressivas contribuições de estudos nessas áreas do conhecimento.

Foi ainda no início dos anos que 80 que estabeleci os primeiros contatos mais diretos com Maria Bárbara. Foram, a princípio, contatos ocasionais, mas que abriram caminho para uma aproximação mais sólida que nos acompanhará por todo o curto tempo de vida de Maria Bárbara.

Inicialmente esses contatos ocorreram no IBMEC (Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais), instituição da qual nossa homenageada era uma das integrantes desde 1971, tendo atuado, dentre outras, como coordenadora de pesquisa na área de História Financeira e editora da Revista Brasileira de Mercado de Captais (.

Na instituição Maria Bárbara publicou seus primeiros livros, resultantes de pesquisas ali realizadas, além de artigos e relatórios.

A primeira publicação, sob a chancela do Instituto, foi de 1972, *História dos Bancos Comerciais no Brasil*. O trabalho foi considerado por Eulália Lobo pioneiro na área de história financeira, uma vez que, em contraponto às obras do tipo descritivas que predominavam, estudava as instituições bancárias a partir do contexto sócio-econômico e político em que estavam imersas (Lobo, 1999; p. 71).

Em 1977 foi a vez da *História da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro*, um estudo inédito sobre esse mercado específico de valores, e dois anos após, a já mencionada *História Financeira do Brasil Colonial*.

O livro sobre a Bolsa de Valores era fruto de sua tese de doutorado defendida em 1975 na Universidade de Paris X – Nanterre. Foi orientada pelo historiador Frédéric Mauro, especialista em História Econômica da América Latina, cuja banca contou com a participação do renomado economista Celso Furtado. Era um trabalho minucioso sobre uma instituição que, até então, não havia sido alvo de investigação e que só se tornou possível graças à prévia organização de seu arquivo histórico, realizado por iniciativa da própria autora, com o apoio de uma equipe de pesquisadores.

Conforme escrevemos por ocasião da passagem de uma década do falecimento de Maria Bárbara, seu alentado trabalho sobre a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro desvendava

> (...) diversas pistas sobre os mecanismos de financiamento; o papel regulador do sistema financeiro e do Estado; a atuação dos bancos comerciais e estrangeiros, dentre outros fatores que atingiam as empresas privadas e mistas, especialmente no que diz respeito ao processo de aperfeiçoamento da organização das Sociedades Anônimas. (Freitas e Martins, 2002; p. 185)

Nossos primeiros encontros foram rápidos e intermediados por Maria Ana Quaglino, uma de suas auxiliares de pesquisa, e Ana Maria Ribeiro, co-autora em artigos publicados na revista da mesma instituição. Na ocasião eu já fazia parte do então Departamento de Economia da FEA-UFRJ, contratado como auxiliar de ensino e ministrando aulas no Curso Noturno de Ciências Contábeis. Logo em seguida Maria Bárbara se integrou ao mesmo departamento, já como professora adjunta, em um momento em que o IBMEC

começava a mudar seu perfil institucional, reduzindo aos poucos seus interesses pelos estudos históricos em detrimentos dos estudos das finanças contemporâneas. Era uma guinada que prenunciava os "tempos modernos", marcados por diversas crise, e de predomínio do capital financeiro propriamente dito. Foi, portanto, a partir daquele momento, convivendo na mesma instituição de ensino e pesquisa, que teve início a construção de um convívio mais sólido e amigo.

Adentrávamos à década de 1980, anos de grandes mobilizações políticas e da organização de vários movimentos sociais, dentre os quais o dos professores universitários. Essas manifestações culminaram com o movimento das Diretas Já em 1984 e o fim dos governos militares no ano seguinte, com a eleição indireta de Tancredo Neves, como primeiro presidente civil do país.

O fortalecimento do movimento sindical também se refletiu no cenário universitário, exemplificado no surgimento das primeiras associações de docentes nas universidades públicas, a exemplo da ADUFRJ criada ainda em 1979. Essas associações buscavam, dentre outros, melhorias nas condições do ensino e pesquisa; maior autonomia para as instituições, assim como a criação de um plano de carreira nacional que atendesse aos interesses de renovação dos quadros técnicos e de docentes do setor público.

Ainda devem ser mencionadas as reformas que se processavam no interior das próprias universidades. Elas se davam com a criação de novos cursos de pós-graduação, aliado ao estímulo à formação ou aperfeiçoamento dos quadros docentes, obtenção de recursos financeiros e materiais para pesquisas e bolsas. O resultado foi o aumento no número de pesquisas, teses e dissertações que só se multiplicaram desde então.

Por fim, mas não por derradeiro, não posso deixar de mencionar que, na mesma ocasião, o campo da História foi marcado por importantes mudanças teórico-metodológicas, que resultaram no predomínio da chamada "Nova História". Era uma nova concepção sobre o conhecimento histórico que, dentre outros aspectos, colocava em questão a possibilidade de sua cientificidade.

Não pretendo tratar nesse momento desses temas, mas apenas situá-los como parte da conjuntura que presidiu o momento do "reencontro" de Maria Bárbara com o meio universitário (Lobo, 1999, p. 75).

Tive a oportunidade de abordar essa fase da trajetória profissional de Maria Bárbara em outro escrito, do qual retiramos parte das ideias que se seguem.

A partir do momento em que passou a fazer parte do corpo docente do Departamento de Economia da FEA/UFRJ, Maria Bárbara pode ampliar o leque de suas preocupações intelectuais, incorporando novos temas e questões relacionadas à história da economia brasileira. O desenvolvimento e a dinâmica industrial do país, no âmbito setorial e regional; as fontes de financiamento do setor; a atuação empresarial e suas relações com o poder público passaram a ser objetos de interesse de suas aulas e pesquisas, que se somaram ao conhecimento sobre o mundo financeiro privado, trazido de suas experiências anteriores.

Na FEA/UFRJ o estreitamento do contato com Maria Bárbara se deu em função de vários fatores. Na ocasião havia ingressado na pós-graduação em História da UFF e iniciava minha pesquisa sobre o empresariado industrial do antigo Distrito Federal, o que me levou a escolhê-la como orientadora. Somou-se a essa escolha a proximidade com o grupo de pesquisa sobre a ação do BNDE no processo de industrialização brasileiro sob

sua coordenação. Dessa atividade resultaram pesquisas pioneiras sobre a indústria química e a da construção naval, desde suas origens até ã década de 1950, quando tiveram seu crescimento acelerado pela ação do principal banco de investimento público do país, criado em 1952.

Nossa aproximação foi bastante acelerada a partir do momento em que Maria Bárbara se tornou Coordenador de Pesquisa dos professores do Departamento de Economia que se encontravam em vias de titulação. Nas reuniões periódicas, onde eram apresentados e debatidos projetos diversos de pesquisa de economistas e alguns poucos historiadores, contávamos sempre com críticas e sugestões enriquecedoras, provindas da vasta experiência de Maria Bárbara, tanto no campo da História quanto da Economia. Foram instantes marcantes de troca e aprendizado para ambas as partes, reconhecidos, como já destacamos acima, pela própria homenageada.

A partir desse momento, concentramos nosso relato, nossa memória, tendo como centro a presença de Maria Bárbara no Departamento e depois Instituto de Economia, ao longo da década de 1980.

Foram numerosas as atividades e os encontros profissionais dos quais tive o privilégio de compartilhar como nossa homenageada. Numa perene tentativa de aqui apresentá-los, procurei fazê-lo buscando manter uma ordenação cronológica. Realizei, inclusive, algumas incursões nas atividades desenvolvidas em duas outras instituições públicas, já que, na mesma ocasião, Maria Bárbara, como professora adjunta concursada, participou dos cursos de Graduação e Pós-Graduação dos departamentos de História da UFRJ (1981) e da UFF (1982) (Lobo, 1999, p. 75).

Dentre as inúmeras atividades desenvolvidas por Maria Bárbara na década de 1980, a partir de sua efetivação como professora e pesquisadora nas instituições já citadas, as seguintes ficaram bem marcadas em minha memória.

Recordo-me com clareza do extenso trabalho de pesquisa por ela coordenado sobre a ação do BNDES, que resultou em dois relatórios importantes. No primeiro era traçada a trajetória da indústria química no Brasil, desde seus primórdios até o início da década de 1970, quando, através do BNDE e dos planos governamentais, o segmento se tornou um dos mais importantes da indústria no Brasil. A pesquisa utilizou como principais fontes as atas do conselho e da diretoria do banco, os pedidos de financiamento por partes das empresas, além de entrevistas com técnicos ligados aos grupos executivos do Plano de Metas do governo Juscelino. Idêntica metodologia foi aplicada no segundo relatório, que estudou a indústria da construção naval, cujo crescimento também ocorreu no mesmo período, tendo se caracterizado pela presença de empresas estrangeiras. Essa pesquisa agregou ainda pesquisadores do IFCS da UFRJ, e também gerou uma dissertação de mestrado cujo tema foi a Meta 28 do Plano de Metas.

Em 1986, o setor de energia elétrica foi o terceiro segmento da indústria brasileira alvo de estudo da equipe interdisciplinar coordenada por Maria Bárbara. Desta feita foram elaborados três estudos que versavam: sobre os padrões de financiamento do setor elétrico brasileiro; sobre o uso da energia elétrica pela indústria entre 1907 e 1980; e uma análise comparativa da história de três empresas estaduais de eletricidade (de Minas Gerais; Paraná e do Rio Grande do Sul).

Naquele momento, já tendo concluído o Mestrado em História na UFF, passei oficialmente a fazer parte do grupo de pesquisa, formado por economistas e historiadores

do Departamento de Economia da FEA/UFRJ.

Arriscando um vôo especulativo, é possível afirmar que, as pesquisas acima teriam fortalecido em Maria Bárbara o desejo de buscar novos caminhos para sua atuação como pesquisadora.

Os rumos tomados pelos estudos históricos a partir da década de 1980, que incluíam a incorporação de novos objetos e fontes, permitiram ao historiador econômico dirigir suas pesquisas para os elementos micros da economia, a exemplo das empresas e do empresariado. Nos escritos de Maria Bárbara é possível encontrarmos passagens que referendem essa hipótese, como no trecho a seguir, transcrito da introdução de sua tese de Titular, apresentada em 1989:

> Essa tese exemplifica uma nova postura da história econômica preocupada em pensar a história empresarial no Brasil. A pesquisa historiográfica impôs novas hipóteses e novas questões, decorrentes de preocupações bastante diferentes hoje do que eram há vinte e mesmo há dez anos atrás.

Com base nesse interesse, foi possível pavimentar um caminho que integrasse, de forma interdisciplinar, profissionais não só da Economia, mas também de áreas como administração, contabilidade e ciência política. Estava montado o cenário para a formação do Grupo de Estudos de Economia de Empresas, no final da década de 1980, que seria o embrião para a organização da Conferência Internacional de História de Empresas, derradeira grande empreitada de nossa homenageada.

Antes, porém, desse desfecho, é preciso retomar alguns temas que ficaram soltos ou esquecidos nessa trajetória, que auxiliarão na compreensão da trajetória e da importância de Maria Bárbara na manutenção do interesse pela História Econômica, e na difusão dos estudos de uma História de empresas.

Ainda no ano de 1986, três acontecimentos são ainda dignos de registro. A defesa das dissertações de dois de seus orientandos; a minha, junto ao Depto. de História da UFF e a de Marcos Guarita, do Instituto de Economia da UFRJ, com o estudo original sobre a indústria da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Esses dois, juntamente com Margareth Martins, com a dissertação sobre a história da Estrada de Ferro Central do Brasil, a maior empresa ferroviária do setor público do país, entre 1908 a 1950, foram os primeiros orientandos de Maria Bárbara a obterem o título de Mestre.

Em outubro do mesmo ano, Maria Bárbara participou do I Seminário Nacional de História e Energia, organizado pela Eletropaulo. Na ocasião, coordenou uma mesa cujo tema era "*Business History", Energia e industrialização*, participando ainda como conferencista da sessão plenária sobre Industrialização, urbanização e energia elétrica. O tema da conferência, intitulado *As tarifas de energia elétrica na composição dos custos industrial na cidade do Rio de Janeiro no início do século*, além de sua originalidade, já sinalizava as principais linhas de interesse de pesquisa que a historiadora se envolveria nos anos seguintes: energia elétrica, empresas, industrialização e Rio de Janeiro.

Em dezembro de 1986 realizou-se o XIV Encontro Nacional de Economia, em Brasília, evento promovido anualmente pela Associação Nacional de Centros de Pós-Graduação em Economia (ANPEC). Maria Bárbara participou da reunião como coordenadora da área de História Econômica, sendo que dois de seus orientandos, Almir

Pita e Marcos Guarita, tiveram seus trabalhos, sobre a indústria do Rio de Janeiro, enviados e selecionados. Era, sem dúvida, um reconhecimento da importância de Bárbara enquanto historiadora econômica, assim como de sua capacidade de trânsito em uma área, à época ainda fortemente marcada pela presença masculina.

Prosseguindo no destaque de flashes da trajetória de Maria Bárbara, passo agora para o ano de 1988, quando participamos do I Simpósio Catarinense de Documentação e História Empresarial, realizado em maio na Federação das Indústrias de Santa Catarina. Recordo-me de ter sido uma reunião extremamente bem organizada, com a presença de historiadores de outros estados, além da presença significativa de representantes da indústria local. O simpósio incluiu, dentre os temas de debate, uma mesa sobre documentação empresarial, conteúdo de extrema importância para o historiador de empresa. A organização impecável do encontro coube à professora Ondina Bosslé, coordenadora da pós-graduação de Historia de UFSC, que, na ocasião, lançou seu livro sobre a industrialização catarinense.

No cenário da historiografia da história econômica, se ampliavam os estudos das experiências regionais sobre o processo de industrialização, em uma recusa às grandes explicações paradigmáticas, baseadas em um único exemplo, representado do binômio café-indústria paulista.

Do mesmo modo que o tema da origem da indústria, o Estado começava a ter o seu papel de agente modelar por excelência no desenvolvimento do setor industrial, revisto e atenuado. Como parte responsável por aquela dinâmica, era cada vez mais considerada a participação do segmento empresarial, de agentes da sociedade civil.

O tema da industrialização regional, fugindo ao paradigma paulista e seus diferentes processos de gênese e desenvolvimento, ocupou uma boa parte do Simpósio Catarinense, que trouxe ainda a presença de outros segmentos do empresariado, a exemplo do financeiro.

A comunicação apresentada por Maria Bárbara abordava a visão do empresariado na teoria econômica, passando por Say e Schumpeter, demonstrando, desse modo, as possibilidades de uma aproximação entre Economia e História pela via da História Empresarial. O texto ainda apresentava a visão de Alfred Chandler Jr. sobre o crescimento de empresas. Parte dessa comunicação está impressa na introdução de sua obra derradeira, *A Indústria do Rio de Janeiro através das sociedades anônimas*.

Acredito que foi nesse momento que acendeu a ideia para realização de algo nos moldes do Simpósio catarinense no Rio de Janeiro, porém com um formato ampliado, que incluísse uma vertente internacional. Nascia ali, possivelmente, a ideia para realização, três anos mais tarde, da Conferência Internacional de História de Empresa. Ao fazer essa afirmativa tomo por base, em particular, o modelo de reunião pensado por Maria Bárbara, que contemplava uma sessão dedicada a apresentação de experiências empresariais, por representantes de empresas. Haveria ainda outra sessão, destinada à discussão de questões ligadas à organização e preservação de arquivos de empresas, tema que até a atualidade constitui um calcanhar de Aquiles da História Empresarial. Lembro-me também de termos conversado sobre a necessidade de estendermos o conceito de empresa para além do setor industrial e do século XX, englobando atividades agrícolas, extrativas e de serviços, assim como experiências empresariais “pré-industriais”.

Poderia abordar ainda dois outros episódios que ilustrariam e reforçariam esse painel

que objetiva trazer à baila instantâneos da trajetória profissional de nossa homenageada. Refiro-me à sua participação no Seminário comemorativo do nascimento de Roberto Simonsen, em outubro de 1989, o qual me coube a tarefa de organizar, assim como a monumental pesquisa sobre a História da Rio Light, coordenada por Bárbara e Eulália Lobo, da qual também participei.

Entretanto, não posso deixar de lado um episódio que testemunha o empenho de nossa homenageada em difundir entre nós o interesse pela história de empresas. Reporto-me à vinda, em 1990, do eminente historiador econômico Rondo Cameron, da Emory University, trazido por Maria Bárbara como visitante, para ministrar algumas palestras sobre o tema das empresas para os professores da FEA-UFRJ. Nos encontros, o historiador nos apresentava um painel histórico sobre os pioneiros nos estudos sobre o empresariado e as empresas, desde a década de 1940.

Creio, no entanto, já ter me alongado bastante nessa narrativa e, em conseqüência, atingido o objetivo para o qual fui convidado. Acredito que os instantâneos de vida aqui apresentados e as tentativas para interpretá-los, inserindo-os nos respectivos contextos, possam ter alcançado seu objetivo: servir como estímulos às novas gerações de historiadores econômicos aqui presentes em levarem adiante os conhecimentos sobre Maria Bárbara e sua obra. Já para seus contemporâneos e familiares presentes, que partilhem dessa sincera e saudosa homenagem a uma profissional e amiga que deixou marcas indeléveis na História Econômica, enquanto disciplina ministrada nos centros universitários do Rio de Janeiro e do Brasil e em nossas vidas. A história econômica e a vida agradecem e prestam sua homenagem à passagem de Maria Bárbara entre nós.

Leituras de apoio:

FALCON, Francisco J. C. História e memória: origens e desenvolvimento do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. *História da historiografia*. Ouro Preto: UFOP, n. 11, dezembro 2013, p.15-32. (Acesso digital em 08 de julho de 2017)

FREITAS FILHO. A. P. e MARTINS, Margareth G. Maria Bárbara Levy: historiadora de empresas no Brasil. *Revista de Economia Contemporânea*. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da UFRJ. Vol. 6, n. 2, julho-dez. 2002, p. 181-201.

LEVY, Maria Bárbara. *A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1994.

LEVY, Maria Bárbara. *História Financeira do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1979.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. Maria Bárbara Levy, seu papel na historiografia econômica no Brasil. *História econômica & História de empresas*. II. 2 (1999):63-82. (Acesso digital em 08 de julho de 2017)

Comissão Organizadora:

Luiz Fernando Saraiva (UFF)
Carlos Gabriel Guimarães (UFF)
Rita de Cássia da Silva Almico (UFF)
Alexandre Macchione Saes (USP)
Fernando Cerqueira Lima (UFRJ)
Rogério Naques Faleiros (UFES)

Comissão Científica:

Área 1: Brasil e América Coloniais
Ângelo Alves Carrara (UFJF)
Fernando Cerqueira Lima (UFRJ)
Tiago Gil (UnB)

Área 2: Brasil e América no século XIX
Renato Leite Marcondes (USP)
Rogério Naques Faleiros (UFES)
Fânia Fridman (IPPUR)

Área 3: Brasil e América, séculos XX-XXI
Fábio Alexandre dos Santos (UNIFESP)
Michel Deliberali Marson (UNIFAL)
Fernando Mattos (UFF)

Área 4: História Econômica Geral e Economia Internacional
Felipe Pereira Loureiro (USP)
Luiz Eduardo Simões de Souza (UFMA)

Área 5: História do Pensamento Econômico
Carlos Eduardo Suprinyak (UFMG)
Bianca Imbiriba (UFF)
Cláudia Heller (Unesp)

Área 6: História de Empresas
Armando João Dalla Costa (UFPR)
Teresa Cristina de Novaes Marques (UNB)
Alcides Goularti Filho (UNESC)

Iniciação Científica
Ivanil Nunes (UNESP)

Realização:

Apoio: